

## Resenha

HAYES, Kelly E. *Holy Harlots: Femininity, Sexuality and Black Magic in Brazil*. Berkeley, CA: University of California Press, 2011. 293pp. ISBN: 9780520262652

Mariana Mendes de Moura\*

*Holy Harlots: Femininity, Sexuality and Black Magic in Brazil* é uma obra resultante da dissertação de mestrado da antropóloga norte-americana Kelly Hayes; o trabalho foi construído em torno da relação estabelecida entre uma sacerdotisa umbandista, moradora do bairro de Acari no Rio de Janeiro, chamada Nazaré, e a entidade espiritual *Pomba-gira Maria Mulambo*. A partir da análise dessa relação, Hayes desenvolve uma rica etnografia que engloba discussões sobre religiosidade, gênero e moralidade, situando-as dentro da esfera maior do contexto social e econômico brasileiro.

Na primeira parte do livro a autora apresenta os principais temas e argumentos a serem tratados ao longo do texto, expõe definições sobre a figura da Pomba-gira e passa a discutir exemplos representativos com histórias populares, músicas e imagens dessa entidade que são produzidas e compartilhadas pelos adeptos das religiões afro-brasileiras. Para orientar o leitor sobre sua inserção nesse campo de pesquisa, descreve o primeiro encontro com a entidade e a ocasião em que conheceu Nazaré. Por conseguinte, narra a experiência do primeiro contato com a Pomba-gira, circunstância marcada por certo estranhamento que aconteceu durante uma visita ao mercado público de Madureira (RJ). Neste local, constatou que por todos os lados havia imagens e esculturas de uma figura feminina “voluptuosa”, com um ar imponente e debochado, geralmente morena, com os cabelos ondulados, curvas corporais sinuosas e trajes nas cores vermelha e preta, às vezes aparecia segurando um tridente, outras, com partes do corpo à mostra. Comparando-a com as santas cultuadas pelos católicos notou que ali havia uma figura oposta, nada possuíam das mães santificadas com seus corpos cobertos, suas vestes claras e um aspecto que propagava pureza e obediência. Posteriormente, foi convidada por

---

\*Doutoranda e Mestre (2013) em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia. Email: [marianamoura.m@gmail.com](mailto:marianamoura.m@gmail.com)

um amigo para conhecer uma festa no “terreiro”<sup>1</sup> e lá conheceu a “zeladora de santo”<sup>2</sup> Nazaré e a Pomba-gira Maria Molambo, que na ocasião estava incorporada em Nazaré.

Ao iniciar os estudos sobre a Pomba-gira, Hayes pode registrar que ela usufrui de grande popularidade entre os brasileiros e, de forma geral, seu culto é notavelmente encontrado em Centros de Umbanda. Sua figura é na maioria das vezes associada à contravenção de parâmetros machistas por ela fazer parte de uma classe de entidades femininas apontadas como mulheres de rua, de má reputação, prostitutas e/ou com larga experiência de vida em questões afetivas e sofredoras. Seu poder de atuação está vinculado a questões amorosas, sexuais e financeiras. De acordo com a autora, a proposta do estudo foi examinar as intersecções da magia, moralidade e marginalização social no Brasil contemporâneo e como elas são incorporadas em e através da figura da Pomba-gira, tomando como base as particularidades da vida cotidiana e doméstica de Nazaré; além de compreender as estratégias que os indivíduos empregam para transformar a eles mesmos e o mundo ao redor mediante as histórias e práticas rituais que invocam esta entidade e dessa maneira, verificar como ocorrem as transformações individuais nesse processo.

Em virtude do ambiente escolhido para a realização da pesquisa, Hayes buscou entender a dinâmica social das periferias e/ou favelas brasileiras, incluindo em suas referências bibliográficas leituras como a do livro de Teresa Caldeira (2000) sobre as transformações no espaço urbano, crime e violência, o que proporcionou um significativo poder de análise e postura crítica, durante a observação participante, ao ouvir dos cariocas e residentes do Rio de Janeiro as definições sobre os espaços da cidade e as diferentes perspectivas entre a Zona Norte e a Zona Sul. A autora afirma que os “‘de fora’ e os ‘de dentro’ veem a periferia como um lugar de perigo, um lugar de crime, da transgressão sexual e violência (particularmente associada ao tráfico de drogas) – em suma, tudo o que ameaça noções comuns de ordens sociais.” (Hayes, 2011, p. 97)

Seu esforço em compreender a separação simbólica entre os espaços da cidade e as relações de poder envolvidas nesse processo estimula a autora a problematizar tal posicionamento social, levando-a a relatar no texto os momentos em que sofre diretamente as consequências dessa mentalidade. Ao refletir sobre a noção de perigo nas ruas sob a ótica religiosa afro-brasileira

deduz que a presença do “povo-de-rua” (categoria que engloba Exus<sup>3</sup> e Pombas-giras) é imprescindível para o entendimento da constituição normativa desse universo, de modo que a proteção espiritual que as pessoas esperam obter quando estão expostas às inseguranças das ruas são de obrigação e domínio dessas entidades mitologicamente ligadas a esse espaço social.

Mais adiante, na segunda parte do livro, Hayes procurou traçar as condições materiais e estruturas normativas que moldam a vida diária de Nazaré e seu marido Nilmar. Para tanto, tornou-se necessário compreender as relações de gênero na periferia do Rio de Janeiro e as regras de respeitabilidade. Baseou-se na concepção de Hodgson e McCurdy<sup>4</sup> (2001) de que as normas de respeitabilidade são transmitidas pela socialização e internalização, sustentadas sob o argumento de “costume” e “tradição”; sendo reforçadas por mecanismos de vigilância e controle social de gênero, assim, “quando mulheres (ou homens) ultrapassam esses limites intencionalmente ou involuntariamente, eles não só desafiam as normas dominantes de comportamento de gênero, mas ameaçam os fundamentos morais da sociedade” (Hayes, 2011, p. 95). Conforme pode constatar na periferia carioca, a questão de gênero é regulada como se houvesse uma “gramática cultural” com regras a serem seguidas e divisão rígida de papéis, como um sistema de comportamentos ideais para homens e mulheres que ditam não apenas concepções, mas o vocabulário por meio do qual as pessoas podem negociar suas próprias reputações e ter acesso a de outras pessoas.

Retornando à história de vida de Nazaré, Hayes constatou que o trabalho como “zeladora de santo” a tornava uma pessoa de alta popularidade, uma vez que seus serviços são voltados para o atendimento de pessoas desconhecidas que a procuram diariamente. Além de que o seu terreiro está espacialmente vinculado à sua residência e essa fluidez contrasta-se com a ideia de Nilmar, seu marido<sup>5</sup>, de que valores como decência e moral estão associados a uma mulher que dedica a sua vida exclusivamente ao âmbito doméstico, preocupando-se em cuidar do lar e da família, ou no máximo, arranjando um emprego em casas de família ou abrindo um pequeno comércio em extensão à sua casa, onde a mulher possa desenvolver suas atividades próxima ao ambiente familiar.

O que levou Hayes a problematizar noções como o estigma do homem “macho”, ou seja, aquele que pensa dispor do papel de provedor da casa e da família, enquanto na prática, a exemplo da experiência da interlocutora, tais

papéis se invertem e conflitos são gerados em torno disso. Diante do discurso de Nazaré, percebe-se que ela atribui a sua independência financeira à agência da Pomba-gira em sua vida não apenas com o seu trabalho no terreiro que conta com sessões de consultas, mas pela crença na garantia de que “trabalhando” corretamente com a Pomba-gira não lhe faltará o básico para a sobrevivência. A pomba-gira atua em todas as esferas da vida de Nazaré, ela confronta a violência masculina (pai ou marido), denuncia infidelidades, garante o sustento financeiro e zela por familiares. A contrapartida é a exigência que Nazaré persista no seu trabalho espiritual, mantendo o terreiro e fazendo consultas, com a justificativa de estar “trabalhando a sua mediunidade”.

Na conclusão do livro analisa, respectivamente, a lógica do discurso da Pomba-gira como uma espécie de diálogo com ideais normativos da moralidade e da feminilidade, em particular, e da licença e os limites desse diálogo; tratando das práticas rituais, discutindo os trabalhos distintos, ou obras rituais que mobilizam a Pomba Gira a intervir no mundo humano em nome de um peticionário, envolvendo conjuntos de bens, materiais e símbolos particulares à situação.

Vale ressaltar que ao realizar as entrevistas, Hayes considerou os mais variados depoimentos não só dos informantes humanos como da entidade espiritual. Essa atitude possibilitou a captura de narrativas essenciais para a pesquisa, tendo em vista que quando começou a entrevistar Nazaré percebeu que suas histórias não seguiam uma direção cronológica e linear, e o que no início foi uma dificuldade, posteriormente se tornaria o cerne do trabalho; de tal modo que quando passou a entrevistar a Pomba-gira entendeu que as memórias de Nazaré adquiriam sentido dentro do universo mitológico religioso afro-brasileiro. Desde então, decidiu que não deveria se preocupar em validar empiricamente as histórias, mas perceber como elas funcionavam como parte de um amplo processo de construção de identidade e significação. Nota-se assim que, dramas cotidianos e a espiritualidade vinculada à Pomba-gira foram a maior fonte de inspiração para o desenvolvimento dessa etnografia, a qual foi realizada por meio de um intenso trabalho de campo e, como resultado, um tipo de escrita clara, objetiva e tão rica em detalhes que possibilita uma leitura compreensível para diversos tipos de leitores.

### Referências Bibliográficas

- ALVITO, Marcos. A honra de Acari. In: *Cidadania e violência*, ed. Gilberto Velho e Marcos Alvito, 147– 64. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1984.
- CALDEIRA, Teresa P. R. *City of Walls: Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- CLIFFORD, James. *Sobre a alegoria etnográfica. A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- HODGSON, Dorothy L., and Sheryl A. MCCURDY, eds. *“Wicked” Women and the Reconfiguration of Gender in Africa*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. REVISTA USP, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001.

---

<sup>1</sup> Termo êmico empregado para designar as casas e templos de culto afro-brasileiros.

<sup>2</sup> Termo êmico que denomina o líder religioso.

<sup>3</sup> Ver. PRANDI, Reginaldo. REVISTA USP, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001

<sup>4</sup> Hodgson, Dorothy L., and Sheryl A. McCurdy, eds. *“Wicked” Women and the Reconfiguration of Gender in Africa*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2001

<sup>5</sup> Para compreensão dos espaços ocupados pela mulher na periferia brasileira, Hayes vai lançar mão da idéia de Marcos Alvito (1996): “He noted that many of his male friends took evident pride in describing their wives as muito caseira, an expression that loosely translates as “homebodies,” that is, women who rarely leave the home, particularly for evening or leisure- time pursuits. By emphasizing their wives’ unwillingness to go out, these men implicitly affirmed their fidelity; a man whose wife is thought to *fica na rua* (be out on the streets; literally to stay on the street) is sure to be a source of neighborhood comment.

Recebida em 01/10/2015, revisada em 15/10/2015, aceita para publicação em 29/12/2015.